

O TOLO SUJEITO OU O SUJEITO TOLO? A NOÇÃO DE SUJEITO DA ANÁLISE DE DISCURSO MOBILIZADA EM TESES DA ÁREA DE LETRAS

Heitor Pereira de Lima¹

Resumo: Tomando como pressuposto a Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux, este trabalho objetiva apresentar um breve estudo de como a noção de sujeito comparece em sete teses da área de Letras, desenvolvidas em um Programa de Pós-graduação de uma universidade privada, localizada em Minas Gerais, no ano de 2020. O corpus de análise foi construído a partir de sequências discursivas realizadas na introdução das referidas teses, a partir dos quais se buscou observar marcas linguístico-discursivas que apontam para onde os trabalhos olham ao mobilizarem a noção de sujeito, bem como quais outras categorias são postas em movimento para o desenvolvimento teórico-metodológico das pesquisas. Observou-se que a noção de sujeito discursivo, baseada principalmente em Pêcheux ([1975] 2014), Orlandi ([1999] 2015), Indursky (2008) e Leandro-Ferreira (2010), por toda sua complexidade, está em funcionamento numa rede teórica que a entrecruza com outras noções, contemplando sua dimensão.

Palavras-chave: Sujeito. Teses da área de Letras. Análise de Discurso. Michel Pêcheux.

THE SUBJECT FOOL OR THE SUBJECT FOOL? THE NOTION OF SUBJECT OF DISCOURSE ANALYSIS MOBILIZED IN THESES IN THE AREA OF LANGUAGES

Abstract: Taking as a premise the Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux, this work aims to present a brief study of how the notion of subject appears in seven theses in the area of Literature, developed in a Postgraduate Program of a private university, located in Minas Gerais, in the year 2020. The corpus of analysis was built from discursive sequences carried out in the introduction of the referred theses, from which it was sought to observe linguistic-discursive marks that point to where the works look when mobilizing the notion of subject, as well as which other categories are set in motion for the theoretical-methodological development of research. It was observed that the notion of discursive subject, based mainly on Pêcheux ([1975] 2014), Orlandi ([1999] 2015), Indursky (2008) and Leandro-Ferreira (2010), for all its complexity, is at work in a theoretical network that intertwines it with other notions, contemplating its dimension.

Keywords: Subject. Theses in the Letters area. Michel Pêcheux. Discourse Analysis.

1 Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso (PALLIND), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: oiheitorlima@gmail.com

Para começar: uma epígrafe e as primeiras palavras

[...] tanto para vocês como
para mim,
a categoria de sujeito é uma
“evidência” primeira
(as evidências são sempre as
primeiras):
*está claro que vocês, como
eu,
somos sujeitos* (livres, mo-
rais, etc.)
(ALTHUSSER, 1985, p. 94,
grifos meus).

Por que (re)discutir a noção sujeito² da Análise de Discurso pecheuxtiana uma vez que há diversas pesquisas que problematizam essa noção? Embora acredite que sempre há um a-dizer sobre um já-dito, este trabalho não pretende se dedicar à reflexão sobre constituição, fragmentação e/ou desdobramento do sujeito, ainda que passe por essas questões; mas busca apreender como essa noção é mobilizada em teses, da área de Letras, desenvolvidas à luz da Análise de Discurso em uma universidade privada no estado de Minas Gerais, no ano de 2020. É importante dizer, ainda, que este estudo é um desdobramento de uma pesquisa de mestrado³.

O sujeito pecheuxtiano está sempre presente nos debates dos analistas de discurso e também de quem não se filia a Pêcheux. Isso, inclusive, me faz recordar alguns diálogos calorosos que tive sobre essa noção, na Academia. Sem desviar do meu objetivo, retomo rapidamente um episódio no qual questões sobre a noção sujeito foram levantadas.

2 Toda vez que citar a palavra *sujeito* enquanto aquela que norteia meu trabalho, ou seja, a noção sobre a qual estou me dedicando, utilizarei a marcação em itálico.

3 Durante o processo de escritura deste texto, a dissertação Análise de Discurso à mineira: o funcionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD em teses, da área de Letras, produzidas em Minas Gerais (LIMA, 2022), estava em desenvolvimento.

No ano letivo de 2020, cursei a disciplina Análise do Discurso: perspectivas teórico-metodológicas e percursos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa, no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)⁴. A ementa que trazia referências bibliográficas de Dominique Maingueneau, Michel Foucault, Sírio Possenti, Eni Orlandi, Michel Pêcheux, etc. proporcionou que alunos filiados a teorias/estudos distintas(os) se interessassem pelas discussões. Todos interessados pelo discurso. E nessa turma eu estava: ouvindo dos meus colegas sobre a Análise de Discurso que eles praticavam e tentando compreender a teoria do discurso que eu gostaria de praticar. Meu encontro com Pêcheux ainda não tinha acontecido.

A partir dessa experiência, acredito, então, que ressoam em mim, analista de discurso principiante, comentários interrogativos realizados por colegas filiados a outros campos disciplinares dos estudos da linguagem. Em algumas aulas, eles (me) questionaram sobre a noção sujeito da Análise de Discurso: “O assujeitamento condiciona o sujeito de Pêcheux à tolice?”, “Então, o sujeito de Pêcheux é uma marionete?”, “A subserviência do sujeito pecheuxtiano é incrível! Quando ele toma partido?”. Voltarei às perguntas dos colegas.

Como é sabido, Michel Pêcheux já atestou a solidez da noção sujeito no campo disciplinar de sua teoria, demarcando o lugar singular do sujeito pecheuxtiano. Em solo brasileiro, Eni Orlandi (2012a; 2012b; [1999] 2015), Freda Indursky (1998; 2000; 2008), Maria Cristina Leandro Ferreira (2010), só para citar algumas referências teóricas, por meio de estudos publicados, reforça(ra)m a relevância dessa noção, na medida em que ela, ao caracterizar a teoria de discurso pecheuxtiana, se distingue pontualmente da noção de sujeito mobilizada na Enunciação, na Pragmática e/ou na Argumentação, por exemplo. Orlandi ([1999] 2015), ao mencionar esses campos do conhecimento, destaca

⁴ Com bolsa de estudo financiada pelo CNPq.

as proximidades e os trânsitos considerando as diferenças nítidas. Ela discute a forma pela qual essa noção é concebida nessas áreas: “na enunciação, o sujeito é um sujeito origem de si; na argumentação o sujeito é o sujeito psicossocial; na Análise de Discurso, o sujeito é linguístico-histórico” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 95-96). Dito de outra maneira, o sujeito da Análise de Discurso, construído pela tríade Ideologia-História-Linguagem, é, ao mesmo tempo, uma representação da teoria discursiva, fundada por Michel Pêcheux, e característica pontual que a difere de outras teorias.

A categoria que mobilizo nesta pesquisa, conforme (re)formulada por Michel Pêcheux ([1969] 2019), não se esgota em si. Ela, sempre revisitada em/por diversas pesquisas, é complexa no sentido de que o sujeito não é humanista, não é idealista, nem a origem; não tem intencionalidade e nem se coloca na neutralidade; também não é marionete. Em outras palavras, “não é empírico, não é biológico, nem sociológico, não é homem, não é mulher, não é homo, trans, bi, cis. Não é gênero” (CAMPOS; ALQUATTI, 2020, p. 283). Então, afinal, quem é o sujeito da Análise de Discurso? Trata-se daquele que é inscrito nas tramas do discurso, um ser-em-falta, no entremeio da ideologia, do inconsciente e da linguagem (LEANDRO-FERREIRA, 2010, grifos da autora).

O sujeito da Análise de Discurso é sujeito da ideologia, do inconsciente e da linguagem. Em relação à ideologia, trata-se de toda e qualquer prática que só existe sob uma ideologia, já que todo sujeito só consegue ser agente de uma prática social enquanto sujeito social. Em referência ao inconsciente, sem nos determos a uma linearidade cronológica, podemos pensar essa categoria considerando o primado da Análise de Discurso, ou seja, enquanto sujeito freudiano e, em outro momento, como um sujeito lacaniano: o “desejante”, que tem o inconsciente enquanto lugar do desejo. O inconsciente é o lugar no qual se fala antes do sujeito, lugar da não-evidência, do não-controle da significação.

Por fim, no tocante à linguagem, há forma material (LEANDRO-FERREIRA, 2010) em que se concebe a relação entre ideologia/inconsciente e na qual o sujeito é construído e “encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito enquanto efeito de linguagem” (LEANDRO-FERREIRA, 2010, n. p.).

Dito de outro modo, é na construção social da subjetividade não-subjetiva, convocada por Pêcheux, que essa noção pecheuxtiana produz seu discurso: uma articulação entre o sujeito dotado de inconsciente; a interpelação pela ideologia, em sua constituição social; e a materialidade possível via linguagem. Para a Análise de Discurso, não existe a noção de sujeito empírico. Ele é, portanto, atravessado pela história, pela linguagem, é o sujeito do inconsciente, clivado, dividido, afetado pela língua e pela história. Só assim ele se constitui e produz sentidos. Embora tenha a ilusão de ser a origem dos sentidos, é um sujeito assujeitado, que carrega consigo a ilusão da completude e da transparência do discurso e dos sentidos. Isto é, “submetendo o sujeito, mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 51, grifo meu). O assujeitamento: uma estrutura anterior na qual o animal homem se reconhece e reconhece os seus enquanto sujeitos que são. Talvez, por isso, o sujeito da Análise de Discurso é mal-entendido, lido como tolo/marionete, por pesquisadores pertencentes a outras áreas dos estudos da linguagem: meus colegas, para os quais não pretendo oferecer respostas, mas, por meio deste trabalho, ao observar como a noção que me interessa é mobilizada em teses, sugiro uma reflexão.

Afinal, o sujeito da Análise de Discurso é tolo? Em que consiste essa tolice?

O tolo sujeito ou o sujeito tolo?

Dizer que o sujeito é assujeitado pode produzir o sentido da obviedade. Uma vez inscritos na teoria pecheuxtiana, nós, analistas de discursos, compreendemos, cada um à sua medida, a relevância das noções sujeito e assujeitamento, bem como o modo pelo qual elas funcionam na teoria fundada pelo filósofo francês. A noção de assujeitamento, do programa teórico materialista de Althusser, concerne na relação sujeito e ideologia. Isto é, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (ALTHUSSER, [1970] 1996, p. 131).

O indivíduo é interpelado em sujeito no mecanismo do assujeitamento e dessa torção o sujeito do discurso tem a ilusão da autonomia, ele acredita ser dono do seu dizer, senhor de suas palavras. A evidência dessa noção que se desdobra na evidência do sentido permitiu que Pêcheux refletisse sobre o sujeito do discurso como a origem, por meio do que ele chamou de efeito Münchhausen: se elevar pelos ares puxando-se pelos próprios cabelos; ou seja, efeitos fantásticos, como ilustrou o autor: “Por exemplo: a fantasia das duas mãos que, tendo cada uma o lápis, se desenham uma à outra sobre a mesma folha de papel e, também, a do salto perpétuo no qual, de um impulso prodigioso, se salta pro alto antes de ser tocado” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 144, grifos do autor).

Por outro lado, dizer que o sujeito é assujeitado, pode produzir equívocos, algo que “falta” de saberes próprios à Análise de Discurso por parte daqueles não filiados à teoria pecheuxtiana e que, portanto, mobilizam outras noções de sujeito, ou até mesmo daqueles que conhecem as noções da teoria do discurso pecheuxtiana, mas fingem não conhecer. Essa estranheza pode partir, inclusive, daqueles que não se vinculam a nenhuma corrente teórica dos estudos da linguagem, refiro-me à população em geral que compreende sujeito como sinônimo de pessoa (aquele que tem nome, registro de identidade, responde juridicamente pelos seus atos, ou seja,

cidadão de direito⁵) e assujeitamento como subserviência, submissão. Logo, dizer que uma mulher é assujeitada (ao marido, por exemplo) poderá causar um certo desconforto naquele que ouvir essa afirmação, ao consideramos as condições sócio-históricas.

A figura da interpelação, onde a constituição do sentido se junta à constituição do sujeito por um modo não marginal, mostra a confluência do sujeito de direito e do sujeito ideológico. O primeiro refere-se àquele que se relaciona contratualmente com seus iguais, outros sujeitos de direito; já o segundo, corresponde àquele que fala e diz sobre si mesmo: “eu sou, eu acho isso, eu julgo dessa forma”. Ademais, a figura da interpelação mostra como o vínculo desses sujeitos (de direito e ideológico) pode ser observado nos bastidores do teatro teórico “de onde se pode captar que se fala do sujeito, que se fala ao sujeito, antes de que o sujeito possa dizer: ‘Eu falo’” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 140, grifos do autor).

Concordo com Pêcheux ([1975] 2014) quando ele aponta para o “pequeno teatro teórico”, no qual a figura da interpelação designa,

pela discrepância da formulação “indivíduo”/“sujeito”, o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: na verdade, essa formulação evita cuidadosamente a pressuposição da existência do sujeito sobre o qual se efetuará a operação e interpelação – daí não se dizer: “o sujeito é interpelado pela Ideologia” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 141, grifos do autor).

E nesse teatro reside a *evidência do sujeito* como único, insubstituível e idêntico a si mesmo, que pode ser ocultada pelo “ato de que o sujeito é desde sempre ‘um indivíduo interpelado em sujeito’” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 141, grifos do autor).

5 Orlandi (2007, p. 14) esclarece que *sujeito* de direito não equivale à noção de indivíduo. Nas palavras da autora, “o sujeito de direito é o efeito de uma estrutura social bem determinada, a sociedade capitalista. Essa estrutura condiciona a possibilidade do contrato, da troca, da circulação”.

Diante disso, a tolice, comentada pelos meus colegas, pode significar na medida em que o sujeito a usa (ainda que inconscientemente) para mascarar a evidência da identidade, resultado de uma identificação-interpelação do sujeito. A mistura de absurdo e de evidência foi discutida por Pêcheux (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 88) a propósito da noção de pré-construído por meio da anedota citada por Freud.

Portanto, dizer que o sujeito pecheuxtiano é um sujeito tolo ou um tolo sujeito implica dizer que ele usa uma faceta possível no palco do teatro teórico. A tolice significa no paradoxo que convoca o sujeito do discurso à existência.

A mobilização do *sujeito* em teses da área de Letras

No território brasileiro, as pesquisas que se alicerçam na teoria do discurso mobilizam/olham para noção sujeito, gesto pelo qual a teoria é movimentada pelas análises, uma vez que, como mencionei, sempre há um a-dizer sobre o já-dito.

Este trabalho, construído no movimento pendular (cf. PETRI, 2013) entre teoria e análise, busca compreender como a noção de sujeito da Análise de Discurso é mobilizada em sete teses, da área de Letras, que se filiam à teoria pecheuxtiana. Em outras palavras, na medida em que essa noção é mobilizada, para onde os trabalhos apontam? O que eles olham? Que outras noções compõem? Para isso, o movimento de análises considerará recortes feitos na introdução dessas teses. Assumi esse espaço textual por entender que se trata de um lugar no qual se anuncia detalhadamente os caminhos a serem trilhados pelo trabalho: teoria eleita, desenho do trajeto teórico-metodológico, categorias analíticas selecionadas a partir de um corpus construído, etc. Seguindo o que dispõe a ABNT:

A introdução deve apresentar o tema a ser discutido ao longo do texto. É uma apresentação sintetizada do objeto de estudo abordado e sua

contextualização, ou seja, a parte inicial do texto, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do trabalho (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2011; PUC MINAS, 2019).

Os sete trabalhos assumidos neste artigo foram desenvolvidos no Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem⁶ da Universidade Vale do Sapucaí (UNIVÁS) – localizada em Pouso Alegre/MG, no sul do estado mineiro, durante o ano de 2020 – e pertencem a um arquivo maior.

Esse arquivo, construído a partir da minha pesquisa de mestrado, é composto por 24 teses da área de Letras, desenvolvidas em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas, localizadas em Minas Gerais, durante a vigência do último quadriênio 2017-2020 (CAPES). Ele foi estruturado através de seis etapas para as quais elegi critérios que auxiliaram na busca e na seleção dos trabalhos. Com isso, dois grandes grupos foram organizados: o primeiro abarca 17 teses em que a teoria pecheuxtiana foi mobilizada unicamente nas/pelas pesquisas; e o segundo organizou-se a partir de sete teses nas quais a Análise de Discurso pecheuxtiana foi conjugada com outras teorias e/ou estudos teóricos na realização das pesquisas.

Para este artigo, fiz um recorte no interior do primeiro grupo, considerando as teses publicadas pela mesma IES, Universidade Vale

6 Hoje o Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Vale do Sapucaí (UNIVÁS) está fusionado com outros Programas da Instituição. De acordo a UNIVÁS, “o Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, resultante da fusão entre os Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, níveis mestrado e doutorado acadêmico; Educação, mestrado acadêmico; e Bioética, mestrado acadêmico foi aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pela área da Educação por meio do Ofício nº 162/2020-DAV/CAPES, de 30 de dezembro de 2020”. Disponível em: <https://www.univas.edu.br/menu/ensino/posgraduacao/fusionados.asp>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Quadro 1 – Teses selecionadas

Nº	Título	Ano	Autor(a)	Orientador(a)
Trabalho 1	Discursos sobre/do sujeito idoso gay no espaço digital: formulação e circulação	2020	Cleyton Antônio Costa	Luciana Nogueira
Trabalho 2	Espaço e sentidos na produção de café no Brasil e em Minas Gerais: uma análise das entrelinhas	2020	Fernando Alberto Facco	Paula Chiaretti
Trabalho 3	Campanhas de Vacinação, dengue e câncer de boca: sentidos em circulação em propagandas do Ministério da Saúde	2020	Simone Catarina Silva Archanjo	Juliana de Castro Santana
Trabalho 4	O movimento escola sem partido: silenciamento e litígio discursivo	2020	Michele Correa Freitas Soares	Luciana Nogueira
Trabalho 5	O não saber, pré-requisito ou barreira para saber? Efeitos de sentido em redações de vestibular do IF Sul de Minas	2020	Sérgio Murilo Lucas	Joelma Pereira de Faria
Trabalho 6	Sentidos de maternidade no discurso digital	2020	Erika Kress	Paula Chiaretti
Trabalho 7	Sentidos de gestor e de gestão em instituições públicas e privadas: aproximações e diferenciações	2020	Aline de Fátima Chiaradia Valadão Rennó	Paula Chiaretti

Fonte: O autor (2023).

do Sapucaí, no mesmo período, o ano de 2020. Dessa forma, reuni as sete teses mobilizadas neste artigo.

O quadro, a seguir, apresenta algumas informações sobre as sete teses⁷: título, ano de defesa/publicação, nome do autor(a) e nome do orientador(a).

Movimentos de análise

As sequências discursivas (SDs) foram selecionadas a partir de recortes feitos na introdução dessas teses que assumiu como critério as marcações linguístico-discursivas que apontassem como os trabalhos mobilizariam a noção de sujeito, a partir da teoria de Michel Pêcheux, bem como quais outras categorias seriam postas em movimento para o desenvolvimento teórico-metodológico das pesquisas.

O Trabalho 3, da qual a SD1 foi recorrida, sinaliza uma preocupação da autora em

7 Disponíveis nas referências bibliográficas.

pontuar a concepção de sujeito a ser mobilizada, ainda que o trabalho seja inscrito na Análise de Discurso:

SD1: “A questão que motivou esta tese é a de que as campanhas são sempre insuficientes para resolver problemas de saúde pública e sua constituição promove um distanciamento dos problemas reais da sociedade, até porque a Saúde não é um bem de consumo e pode ser vendido, ele é um estado que envolve diferentes vertentes do *sujeito constituído como ser humano*” (ARCHANJO, 2020, p. 17, grifos meus).

O enunciado “A saúde é direito de todos e dever do Estado” que inicia o Art. 195⁸ da Constituição Federal e está cristalizado no discurso do cidadão comum produz sentidos distintos nas campanhas brasileiras de vacinação. Diante disso, o Trabalho 3 busca esclarecer sobre qual

8 Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.03.2021/art_196_.asp. Acesso em: 10 ago. 2021.

sujeito, “constituído como ser humano”, é contemplado nas campanhas de Saúde elaboradas pelo Governo Federal, sendo possível perceber a relação entre Estado e cidadão acerca do direito fundamental à Saúde. Tal movimento só é/foi possível porque a noção em questão em nada se assemelha à de indivíduo, diferente do sentido possível promovido pelas campanhas.

As sequências discursivas seguintes pertencem a trabalhos distintos. A primeira refere-se ao Trabalho 1 e, a segunda, ao Trabalho 2:

SD2: “O vídeo possibilita depararmos com diferentes significações para o *sujeito idoso gay* e, também, oportuniza romper com tais significações, permitindo ver os sujeitos idosos gays como sujeitos que merecem respeito e admiração pelas lutas encaradas por esse grupo social que ainda, infelizmente, é menosprezado e rejeitado por uma parcela da sociedade” (COSTA, 2020, p. 34- 35, grifos meus).

SD3: “O segundo capítulo identifica e reconhece os espaços ocupados pelos *sujeitos produtores* que procuram certificar e qualificar seus cafés com os Selos de ‘Denominação de Origem’ – DO e ‘Indicação de Procedência’ – IP, tornando seu café um produto reconhecido internacionalmente, juntamente com o espaço regional em que se instalou, identificado como o lugar em que ocorre uma procedência com garantias de aspectos, cor, sabor, aroma e um buquê de elevado reconhecimento” (FACCO, 2020, p. 17, grifos meus).

Nas duas SDs⁹, o sujeito em questão é demarcado numa tentativa de reforçar a noção de sujeito mobilizada. No Trabalho 1, ao mencionar sobre uma materialidade em vídeo proveniente de diferentes significações que serão analisadas, determina-se o substantivo *sujeito* e, por uma tomada de posição, o *sujeito idoso*

gay é entendido enquanto aquele merecedor de respeito e admiração devido sua trajetória social. Considerando o modo pelo qual a velhice masculina gay é discursivizada nas/pelas práticas sociais, refletir sobre o *sujeito idoso gay* é uma forma de apreender os sentidos possíveis no espaço digital, conforme propõe o autor. Do mesmo modo, o Trabalho 2 promove uma reflexão sobre os espaços ocupados pelos sujeitos produtores de café. Mais uma vez, a categoria em questão não se refere àquele que planta, colhe, torra e vende café, mas àquele que é efeito ideológico das práticas sociais presente nos espaços com seus processos de significação.

A SD4, do Trabalho 5, e a SD5, do Trabalho 6, apontam para uma questão cara quando se trata do *sujeito concebido na/pela Análise de Discurso*, qual seja, os processos de identificação:

SD4: “Nesse estudo, compreendendo que a materialidade da língua é, ao mesmo tempo linguística e histórica, conforme nos ensina Pêcheux (1988), procuramos compreender os sentidos estabilizados de ‘correção’ e ‘erro’ e seus efeitos nos *modos de identificação* que ocorrem *no processo de inscrição dos sujeitos como aprendizes de uma língua escrita*, com a qual, muitas vezes, não se identificam” (LUCAS, 2020, p. 16, grifos meus).

SD5: “E, ainda nessa perspectiva, buscamos compreender de que forma *o modo de individualização do sujeito neoliberal* produziu efeitos nos *processos de identificação* pelo discurso da tecnologia. Mais especificamente, refletimos sobre o modo como o algoritmo desse aplicativo significou a usuária/gestante/mãe/consumidora inserida em uma formação social neoliberal” (KRESS, 2020, p. 16, grifos meus).

Para pensar o *sujeito*, interpelado ideologicamente, mas que não sabe disso porque suas práticas discursivas são instauradas sob a ilusão que o coloca na origem do seu dizer e, por isso, domina o que diz, Pêcheux vai propor “que o caráter material do sentido – mascarado por sua

⁹ A noção de espaço (ORLANDI, 2010), digital (Trabalho 1) e rural – a partir do urbano – (Trabalho 2) é fundamental para pensar o modo pelo qual os sujeitos produzem e fazem circular sentidos.

evidência transparente para o sujeito – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘o todo complexo das formações ideológicas’” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 146).

Isto é, o sujeito funciona no discurso através de sua relação com a formação discursiva. Freda Indursky, leitora atenta de Pêcheux, no texto *Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso* (2008) propõe uma reflexão sobre o sujeito do discurso que se identifica com os saberes de uma dada formação discursiva. Seguindo a autora,

a *primeira modalidade* remete ao que Pêcheux designou de *superposição* do sujeito do discurso e o sujeito universal da formação discursiva. Tal superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso, caracterizando o “discurso do ‘bom sujeito’ que reflete espontaneamente o Sujeito” (INDURSKY, 2008, p 12, grifos da autora).

Ainda nesse texto, Indursky (2008) discute a segunda modalidade, contra-identificação, e a terceira modalidade, desidentificação. De acordo com a autora, que se baseia na reflexão pecheuxtiana, o sujeito do discurso pode contra-identificar-se ou desidentificar-se, por uma tomada de posição não-subjetiva, com os saberes da formação discursiva com a qual ele se identificava plenamente. Assim, é:

a *segunda modalidade* que caracteriza o discurso do que Pêcheux caracterizou como sendo o *mau sujeito*. Explicando melhor esta modalidade: ela ocorre quando o sujeito do discurso, através de uma *tomada de posição*, se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes da FD com a qual o sujeito do discurso se identifica (INDURSKY, 2008, p. 13, grifos da autora).

Pontuando que o movimento de tomada de posição não acontece seguindo o fluxo de uma linha temporal linear, a autora explica que

na terceira modalidade, desidentificação, que “o sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito para identificar-se com outra formação discursiva e sua forma-sujeito” (INDURSKY, 2008, p. 14). Ela finaliza chamando nossa atenção: “[...] esta desidentificação não representa a ‘liberdade’ do sujeito do discurso” (INDURSKY, 2008, p. 14).

A relevância da reflexão apreendida por Indursky (2008) comparece na SD4 e na SD5 na medida em que os autores, cada um a seu modo, preocupam-se com os processos de identificação do sujeito, algo que julgo ser fundamental para o desenvolvimento de suas análises.

As sequências discursivas seguintes, SD6, SD7 e SD8, trazem explicitamente outras noções que são convocadas para compreender os sentidos produzidos pelos sujeitos do discurso: formação discursiva, formações imaginárias, memória discursiva, resistência. A saber:

SD6: “A instituição privada é do segmento de autopeças e conta com um número aproximado de 2.500 funcionários. Já a instituição pública tem como foco a pesquisa e conta com aproximadamente 60 servidores públicos. Ambas as instituições ficam localizadas no Sul de Minas Gerais. Estas instituições foram escolhidas para este estudo devido à acessibilidade da pesquisadora e por 11 representarem demais 13 instituições que se identificam, inscrevem-se em uma formação discursiva parecida, além de um posicionamento muito semelhante” (RENNÓ, 2020, p. 12-13, grifos meus).

SD7: “Ancoramos nossas discussões no dispositivo teórico - metodológico da Análise de Discurso (AD), a fim de compreendermos como o processo de significação, os gestos de leitura e de interpretação, as formações imaginárias e a memória discursiva, dentre outros conceitos oriundos da perspectiva discursiva, incidem na constituição político - simbólica dos discursos abordados aqui, como materialidade ideológica” (ARCHANJO, 2020, p. 20, grifos meus).

SD8: “[...] as questões norteadoras do nosso trabalho de análise são: que relações podemos estabelecer entre o discurso do movimento ESP e a adesão de parte da sociedade ao seu discurso, às práticas defendidas pelo movimento? Que formações discursivas se configuram aí? Que formações imaginárias de professor e de aluno o movimento está fazendo circular para obter apoio (de uma parcela) da sociedade? Como estão se configurando os movimentos de resistência ao discurso do ESP?” (SOARES, 2020, p. 16-17, grifos meus).

Esse esforço dos autores em sinalizar na introdução de suas teses o caminho teórico-metodológico pensado a partir dessas categorias da Análise de Discurso incide, ao meu ver, na tentativa de dar conta do todo complexo sujeito pecheuxtiano. Do mesmo modo, entendo que a SD6 e a SD8 olham para a noção de formação discursiva para, em suma, compreender os processos de identificação (ou não) do sujeito do discurso mobilizados por elas em sua pesquisa.

A SD7 e, também, a SD8 recorrem às formações imaginárias para apreender o sujeito para além da noção de interlocução. Segundo Pêcheux ([1969] 1993, p. 83, grifos do autor), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro”. Portanto, as formações imaginárias, dos lugares ocupados por diferentes sujeitos no discurso trabalhista (gestores e não gestores), na pesquisa do Trabalho 7, ou seja, na SD6, e dos espaços onde residem os sujeitos do discurso escolar (alunos, professores, gestores e governantes, no Trabalho 4, SD8, são preponderantes para compreender o sujeito e seus sentidos desses/nesses espaços.

Por fim, ainda considerando a SD7, o Trabalho 3 convoca o conceito de memória discursiva para apreender como as campanhas de vacinação produzem sentido pelo processo histórico e social de produção de linguagem; e, na SD8, Trabalho 4 traz o conceito de resistência para perceber as falhas/faltas/brechas/rachadu-

ras, abertas pela discursividade, que compõem o sujeito da teoria discursiva de Michel Pêcheux.

Para finalizar: outra epígrafe e as últimas palavras

Como se vê, a noção de sujeito nesta teoria convoca outras

noções para poder ser pensada.

E estas noções tecem entre si uma rede teórica muito

solidária: trabalhar com uma delas implica examinar todo um conjunto

de noções que se entretecem,

se cruzam,

se mesclam

(INDURSKY, 2008, p. 31-32).

A epígrafe com a qual começo esta última seção apresenta a constatação de como a noção de sujeito da Análise de Discurso compareceu nas teses analisadas: pensada a partir de/com outras noções para dar conta do teor complexo do sujeito discursivo.

Sua mobilização não se deu de modo ordinário, contemplativo ou acessório. Pelo contrário, mobilizar essa noção é um modo pelo qual tenta-se apreender os discursos produzidos e postos em circulação pelos sujeitos. As teses mencionadas convocaram as noções de formação discursiva, formações imaginárias, memória discursiva, resistência, entre outras, mas também se preocuparam em entender os modos de identificação do sujeito. Vale destacar que esses movimentos poderiam ter sido feitos a partir de outras categorias analíticas, o que justamente implica no que é a Análise de Discurso: uma teoria que não presume uma metodologia pronta e estanque, passível de aplicabilidade. Como adverte Petri,

a Análise de Discurso, é bem verdade, não tem uma metodologia única e facilmente descritível, como as áreas mais formais da ciência linguística

dizem ter; mas isso não significa não ter metodologia de análise, bem como não significa que qualquer um sob um pretexto qualquer possa desenvolver um dispositivo teórico-analítico em Análise de Discurso (PETRI, 2013, p. 41).

Por fim, a noção sujeito formulada por Michel Pêcheux, na França, encontrou no Brasil, a partir de Eni Orlandi, pesquisadores por ela formados e tantos outros, espaço para seu desenvolvimento que, sem abrir mão de sua constituição singular, avança em solo brasileiro, explorando questões que interessam de perto analistas de discurso. Assim sendo, o sujeito pecheuxtiano é um sujeito tolo ou um tolo sujeito porque ele usa uma faceta possível no palco do teatro teórico. A tolice significa, portanto, no paradoxo que convoca o sujeito do discurso à existência.

Este estudo fez um recorte temporal e territorial, mas a longa citação com a qual o finalizo mostra a dimensão do trabalho em relação à questão do sujeito, no Brasil. Nas palavras de Francine Mazière:

é sem dúvida no Brasil, essencialmente em Campinas, nos trabalhos dirigidos por Eni Orlandi, que a questão do sujeito, organizada pela ideologia e pelo inconsciente pode ser mais completamente explorada. As equipes têm ao mesmo tempo um excelente conhecimento dos textos fundamentais da análise de discurso (tudo foi traduzido) e uma dupla prática da análise de discurso, pela crítica e pela comprovação, sobre corpora diversificados: corpus de discursos civilizadores, civilizados, censurados, instituintes, instituídos, em contacto, em conflito, em instituições como as academias, as universidades, a escola, a rua, em instrumentos lingüísticos que são os manuais, as gramáticas, os dicionários, e em uma língua diversa e dividida, em português, em brasileiro, em língua geral (tupi), através de todos os regionalismos que constituem os léxicos brasileiros ou português. A revista *Langages* 130 (1998), a *Hyperlangue brésilienne* dá apenas uma visão da grande variedade dessas produções, de seu constante cuidado em pensar o lugar do sujeito, na difícil (impossível) localização, ou na perda de localização e de posição (MAZIÈRE, 2005, p. 62).

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Trad. Walter J. Evangelista e Maria Laura V. de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação*. In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1970] 1996, p. 105-152.
- CAMPOS, Luciene Jung de; ALQUATTI, Raquel. *Sujeito*. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). *Glossário de termos do discurso – edição ampliada/ Prefácio: Bethania Mariani*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, 298 p.
- INDURSKY, Freda. *A fragmentação do sujeito em análise do discurso*. In: INDURSKY, Freda. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. (Col. Ensaios, 15).
- INDURSKY, Freda. *O sujeito e as feridas narcísicas dos lingüistas*. *Gragoatá*, n. 5, p. 111- 120, 1998.
- INDURSKY, Freda. *Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso*. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prata, p. 9- 33, 2008.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. *Análise de discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso*. *Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/1661>. Acesso em: 15 maio 2023.
- LIMA, Heitor Pereira de. *Análise de Discurso à mineira: o funcionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD em teses, da área de Letras, produzidas em Minas Gerais*. 2022. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pon-

tífica Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_HeitorPereiraDeLima_29632_Textocompleto.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

MAZIÈRE, Francine. *L'Analyse du Discours*. Paris: P.U.F., 2005.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni (org.). *Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso*. Campinas: Editora RG, 2010.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, [1999] 2015, 98 p.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação de Sentidos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012a.

ORLANDI, Eni. *Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012b.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, [1969] 1993.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi e Graziely Costa. Campinas: Pontes, [1969] 2019.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5. ed. – Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

PETRI, Verli. *O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise do Discurso*. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. *Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Editora UFSM,

2013, p. 39-48.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. *Sistema Integrado de Bibliotecas. Orientações para elaboração de trabalhos técnicos científicos: projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias, interdisciplinar, relatórios, entre outros conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)*. 3. ed. rev. atual. / *Elaboração: Roziane do Amparo Araújo Michielini e Fabiana Marques de Souza e Silva*. Belo Horizonte, 2019. 256 p.

Teses selecionadas

ARCHANJO, Simone Catarina Silva. *Campanhas de Vacinação, dengue e câncer de boca: sentidos em circulação em propagandas do Ministério da Saúde*. 2020. 150f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2019/dissertacoes/SIMONECATARINASILVAARCHANJO.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

COSTA, Cleyton Antônio. *Discursos sobre/ do sujeito idoso gay no espaço digital: formulação e circulação*. 2020. 167f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000000000275.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

FACCO, Fernando Alberto. *Espaço e sentidos na produção de café no Brasil e em Minas Gerais: uma análise das entrelinhas*. 2020. 137f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000000000286.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

KRESS, Erika. *Sentidos de maternidade no discurso digital*. 2020. 118f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível

em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2020/dissertacoes/ERIKAKRESS.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

LUCAS, Sérgio Murilo. O não saber, pré-requisito ou barreira para saber? Efeitos de sentido em redações de vestibular do IF Sul de Minas. 2020. 123f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem – Universidade Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000287.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

RENNÓ, Aline de Fátima Chiaradia Valadão. Sentidos de gestor e de gestão em instituições públicas e privadas: aproximações e diferenciações. 2020. 140f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2020/dissertacoes/ALINEDEFATIMACHIARADIA-VALADAORENNO.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SOARES, Michele Correa Freitas. O movimento escola sem partido: silenciamento e litígio discursivo. 2020. 160f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000283.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

Submissão: maio de 2023.

Aceite: maio de 2023